

NUNES, João. Monumentos: Destruição versus memória: Campinas ressent-se da ausência de marcos que sinalizem sua história. *Correio Popular*, Campinas, 20 abr. 1994.

M DESTRUIÇÃO VERSUS MEMÓRIA Monumentos

Campinas ressent-se da ausência de marcos que sinalizem sua história

JOÃO NUNES

Depois de visitar os principais monumentos e bustos das praças do centro, o escultor português Santos Lopes, radicado há um ano em Valinhos, concluiu que Campinas tem poucos monumentos e os que existem estão deteriorados. "A história de um povo também se conta através das artes e sinto uma grande ausência de marcos que sinalizem essa história na cidade", constata. O secretário de Cultura Ezequiel Theodoro da Silva e o historiador campineiro Bráulio Mendes Nogueira concordam com o artista. Nogueira contesta apenas a tese da falta de monumentos.

Lopes repetiu a frase que indica o Brasil como "país sem memória" e lembrou as grandes cidades européias "que se parecem verdadeiros museus", referindo-se a presença marcante de monumentos em suas praças. "Campinas é uma cidade importante e deve ter feitos dignos de relevo que não podem ser esquecidos, mas quem chega aqui pensa que a cidade não tem história", alerta.

O escultor português encontrou apenas cinco monumentos dignos do nome no centro da cidade. O que marcou seus 200 anos, no Largo das Andorinhas; a Carlos Gomes, na praça Bento Quirino; à Mãe Preta, no Largo São Benedito; ao Café, no Largo do Pará e a Campos Salles, no começo da avenida homônima. Escolheu o último como o mais bonito, "até por falta de opção". Os bustos a Ruy Barbosa e Thomas Alves, na praça Carlos Gomes; de Bento Quirino, na praça do mesmo nome; de Cesar Bierrenbach, no Largo do Carmo e de Dom Nery em frente à Catedral, foram considerados monumentos "tímidos", sem a grandiosidade que se exige de um marco histórico.

Em todos os locais visitados Lopes mostrou-se desolado diante do abandono, da sujeira e da falta de cuidado. "É bonito em suas linhas contemporâneas, significativo em seu conteúdo e com certeza uma referência aos campineiros", observou sobre o monumento ao bicentenário da cidade. Mas, diz ele, "não está preservado, precisaria ser limpo e a praça onde se encontra, cuidada".

A estátua de Carlos Gomes, "obra mais clássica", evocou em Lopes, os tempos de escola quando os alunos

eram motivados a visitar monumentos de Lisboa e desenhá-los. A lembrança não foi gratuita. O escultor português encontrou o monumento com marcas de pixação e sujo. “É preciso começar nas escolas com as crianças um processo de conscientização sobre o respeito para com os monumentos”, discursou.

Lopes ficou consternado ao se deparar com o Monumento ao Café. Todo pixado, sujo, com o bronze sem brilho e as placas de granito se desprendendo. A obra, de 1927, lembra o bicentenário da introdução do café no Brasil e “mesmo não tendo grandes atributos revela sensação de fortaleza e assinala um marco da cidade”. Segundo ele, a obra está escondida no meio de árvores e em uma “praça bonita, mas abandonada”.

Sentimento semelhante demonstrou diante do Monumento à Mãe Preta. O interior da obra virou depósito de areia, tampas de garrafa e lixo. “É uma obra grandiosa pelo porte e o gesto marcantes, mas se esconde em uma praça inexpressiva e mereceria maior destaque”. Além disso teria de ser repatinado para refazer a ação do ácido sobre o metal.

“Olha o abandono disto”, exclamou, quando viu o monumento a Campos Sales. Detectou duas estátuas mutiladas, riscos com instrumento cortante, falta de limpeza do granito e de complemento da pátena.

Sem exceções, os bustos e estatuas são feitos de acordo com a receita para a conservação que é simples. Não se trata de se unir, finalmente, a conta da obra e deixá-los. A solução é constante.